

Excertos de “Terror branco e agência de oposição: por um multiculturalismo crítico” (p. 105-157), de Peter McLaren (analisarei até p. 127, a continuação do texto e os detalhes do multiculturalismo crítico serão analisados no 6º Encontro, dia 17 de maio).

McLaren, P. *Multiculturalismo crítico*. São Paulo: Cortez, 1997.

McLaren, P. *Critical Pedagogy and Predatory Culture: Oppositional politics in a postmodern era*. Routledge: Londres/Nova Iorque, 1995.

“Nada pode ser denunciado se a denúncia for feita dentro do sistema ao qual pertence o que é denunciado” (Júlio Cortázar, *O jogo da amarelinha*, citado por (MCLAREN, 1997, p. 105).

“(…) não se pode denunciar o que quer que seja se a denúncia for feita dentro do sistema a que pertence o denunciado. Escrever contra o capitalismo com a bagagem mental e o vocabulário que derivam do capitalismo é perder tempo.” (Cortázar. *O jogo da amarelinha*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 508).

Na primeira parte do texto, McLaren denuncia a manipulação e a padronização das identidades, via controle de informações sobre as pessoas, o terror do empobrecimento material e intelectual, a transformação do cidadão num consumidor e a dissolução de solidariedades históricas e formas de comunidade (MCLAREN, 1997, p. 105-6).

A partir da análise das ideias de Stephen Haymes desenvolvidas no livro *Raça, cultura e cidade: uma pedagogia para a luta urbana negra* (*Race, Culture and the City: a pedagogy for black urban struggle*), McLaren discute as condições para o debate contemporâneo sobre a democracia e o multiculturalismo:

“Haymes está preocupado, em primeiro lugar, com a racialização do espaço urbano a partir do ponto de vista das ideologias de supremacia branca que primitivizam e patologizam os corpos negros e que constroem discursivamente a população urbana negra através de metáforas de selvas e mitos racistas em torno do exótico sujeito negro, provocando formas de auto-rejeição negra. (...) A análise de Haymes busca explicar o impacto do capitalismo de orientação consumista nas políticas de identidade negra e os efeitos devastadores da lógica binária da imaginação racista branca na produção da cultura negra e na biologização da identidade negra (...)” (MCLAREN, 1997, p. 108-109).

Há um artigo de Haymes na coletânea de Walsh sobre *Pedagogias decoloneales*.

Diferentes acepções do multiculturalismo → diferentes posições sobre a alteridade

### **Multiculturalismo conservador ou empresarial:**

“As primeiras tendências do multiculturalismo conservador podem ser encontradas naquelas visões coloniais em que as pessoas afro-americanas são representadas como escravos e escravas, como serviçais e como aqueles que divertem os outros, visões que estiveram fundamentadas nas atitudes profundamente auto-elogiosas, auto-justificatórias e profundamente imperialistas dos europeus e norte americanos. Tal postura retrata a África como um continente selvagem e bárbaro ocupado pelas mais inferiores das criaturas que eram privadas das graças salvadoras da civilização ocidental. Ela pode também ser localizada nas teorias evolucionistas que apoiaram a política de destino manifesto dos Estados Unidos, a generosidade imperial e o imperialismo cristão. E pode, mais profundamente, ser compreendida como um resultado direto do legado de doutrinas da supremacia branca que biologizaram as populações africanas como ‘criaturas’ ao compará-las com os estágios primordiais do desenvolvimento humano. As pessoas africanas eram comparadas, pela sociedade branca, aos animais selvagens ou às crianças cantantes e dançantes de corações dóceis. O estereótipo primeiramente mencionado levou um menino negro de 10 anos de idade - Joseph Moller - a ser exibido em um zoológico da Antuérpia na virada do século. Mais próximo de nossas casas e menos remoto no tempo é o caso de Ota Benga, um garoto ‘pigmeu’ exibido em 1906 na Casa dos Macacos no zoológico do Bronx (...)” (MCLAREN, 1997, p. 111).



“Mesmo que eles se distanciem das ideologias racistas, os multiculturalistas conservadores disfarçam falsamente a igualdade cognitiva de todas as raças e acusam as minorias malsucedidas de terem ‘bagagens culturais inferiores’ e ‘carência de fortes valores de orientação familiar’. Esta posição ‘ambientalista’ ainda aceita a inferioridade cognitiva negra com relação aos brancos como uma premissa geral e oferece aos multiculturalistas conservadores um meio de racionalizarem o fato pelo qual alguns grupos minoritários são bem-sucedidos enquanto outros não. Isto também oferece à elite cultural branca a desculpa que precisam para ocupar desproporcionalmente e irrefletidamente as posições de poder” (MCLAREN, 1997, p. 113).

Razões pelas quais o multiculturalismo conservador deve ser rejeitado:

“Em primeiro lugar, ele recusa-se a tratar a branquitude como uma forma de etnicidade e, ao fazê-lo, situa a branquitude como uma norma invisível através da qual outras etnicidades são jugadas. Em segundo lugar, o multiculturalismo conservador (...) utiliza o termo ‘diversidade’ para encobrir a ideologia de assimilação que sustenta a sua proscrição. (...) Terceiro, (...) o multiculturalismo conservador é essencialmente moniidiomático (...). Quarto, multiculturalistas conservadores definem padrões de desempenho que estão previstos no capital cultural da classe média anglo-americana, para toda a juventude. Quinto, o multiculturalismo conservador não questiona o conhecimento elitizado – conhecimento que é mais valorizado pela classe média branca norte-americana – para quem o sistema educacional é direcionado” (MCLAREN, 1997, p. 115).

“O multiculturalismo conservador deseja assimilar os estudantes a uma ordem social injusta ao argumentar que todo membro de todo grupo étnico pode colher os benefícios econômicos das ideologias neocolonialistas e de suas práticas econômicas e sociais correspondentes. Mas, um pré-requisito para ‘Juntar-se à turma’ é desnudar-se, desracializar-se e despir-se de sua própria cultura” (MCLAREN, 1997, p. 115).

**Multiculturalismo humanista e liberal:**

“O multiculturalismo humanista liberal argumenta que existe uma igualdade natural entre as pessoas brancas, afro-americanas, latinas, asiáticas e outras populações raciais. Esta perspectiva é baseada na ‘igualdade’ intelectual entre raças, na sua equivalência cognitiva ou na racionalidade iminente em todas as raças que lhes permitem competir igualmente em uma sociedade capitalista. Entretanto, sob o ponto de vista do multiculturalismo humanista liberal, a igualdade está ausente nos Estados Unidos não por causa da privação cultural das pessoas latinas e negras, mas porque as oportunidades sociais e educacionais não existem para permitir a todos competir igualmente no mercado capitalista. Diferente das concepções conservadoras, esta outra postura multicultural acredita que as restrições econômicas e socioculturais existentes podem ser modificadas e reformadas com o objetivo de se alcançar uma igualdade relativa” (MCLAREN, 1997, p. 119).

**Multiculturalismo liberal de esquerda:**

“O multiculturalismo liberal de esquerda enfatiza a diferença cultural e sugere que a ênfase na igualdade das raças abafa aquelas diferenças culturais importantes entre elas, as quais são responsáveis por comportamentos, valores, atitudes, estilos cognitivos e práticas sociais diferentes. Esta tendência advoga também que as principais correntes dentro do multiculturalismo escondem as características e diferenças relativas à raça, classe, gênero e sexualidade. Aqueles e aquelas que trabalham dentro desta perspectiva têm uma tendência a essencializar as diferenças culturais e, portanto, ignorar o contexto histórico e cultural da diferença, o qual é compreendido como uma forma de significação retirada de suas restrições histórias e sociais. Isto é, há uma tendência a ignorar a diferença como uma construção histórica e social que é constitutiva do poder de representar significados” (MCLAREN, 1997, p. 120).

“Esta perspectiva, geralmente, situa o significado através da ideia de experiência ‘autêntica’, na falsa crença de que a política de localização de uma pessoa, de alguma forma, garante previamente uma postura ‘politicamente correta’. Ou mesmo a

proximidade física de uma pessoa ao oprimido/a ou sua própria localização como uma pessoa oprimida oferece supostamente uma autoridade especial a partir da qual se fala” (MCLAREN, 1997, p. 121).

“É claro que quando uma pessoa fala, ela o faz sempre a partir de algum lugar (Hall, 1991), mas este processo de produção de significado precisa ser interrogado para que se possa entender como a identidade está sendo produzida constantemente através de um jogo de diferença relacionado e refletido por relações, formações e articulações ideológicas e discursivas que se deslocam e se conflitam (veja Giroux, 1992 e Scott, 1992)” (MCLAREN, 1997, p. 121).

Kincheloe e Steinberg destacam que essa forma de multiculturalismo essencialista realça a importância de um único eixo de opressão:

“A limitação do multiculturalismo essencialista é bem exemplificada pela tendência de seus defensores de focar sua atenção numa única forma elementar de opressão, como tendo prioridade sobre todos os outros modos de dominação. Certas feministas radicais veem o gênero como a forma essencial de opressão, determinados estudos étnicos privilegiam a raça, enquanto que os marxistas ortodoxos focam na classe” (KINCHELOE; STEINBERG, 1997, p. 22).

KINCHELOE, J.; STEINBERG, S. *Changing multiculturalism: new times, new curriculum*. Buckingham: Open University Press, 1997.

**Multiculturalismo crítico e de resistência (na tradução espanhola do texto de Kincheloe e Steinberg, o conceito é vertido por “multiculturalismo teórico”):**

“A partir da perspectiva do multiculturalismo crítico, a ênfase conservadora/liberal na igualdade e a ênfase liberal de esquerda na diferença formam uma falsa oposição. Tanto as identidades formadas na ‘igualdade’ quanto as formadas na ‘diferença’ são formas da lógica essencialista: em ambas, as identidades individuais são presumidas como autônomas, autocontidas e autodirigidas. O multiculturalismo de resistência também se recusa a ver a cultura como não-conflitiva, harmoniosa e consensual. A democracia, a

partir desta perspectiva, é compreendida como tensa – não como um estado de relações culturais e políticas sempre harmonioso, suave e sem cicatrizes. O multiculturalismo de resistência não compreende a diversidade como uma meta, mas argumenta que a diversidade deve ser afirmada dentro de uma política de crítica e de compromisso com a justiça social. Ele tem de estar atento à noção de ‘diferença’. Diferença é sempre um produto da história, cultura, poder e ideologia” (MCLAREN, 1997, p. 123, mudei um pouco a tradução).

“A perspectiva que estou chamando de multiculturalismo crítico compreende a representação de raça, classe e gênero como o resultado de lutas sociais mais amplas sobre signos e significações e, neste sentido, enfatiza não apenas o jogo textual e o deslocamento metafórico como forma de resistência (como no caso do multiculturalismo liberal de esquerda), mas enfatiza a tarefa central de transformar as relações sociais, culturais e institucionais nas quais os significados são gerados” (MCLAREN, 1997, p. 122).

Kincheloe e Steinberg enfatizam a importância da classe social nas análises e intervenções dos multiculturalistas críticos:

“A desigualdade de classe é uma preocupação central de nosso ‘multiculturalismo transformado’, embora isso não signifique de forma alguma que a classe seja tomada como uma categoria primária de opressão. A classe é de interesse vital para o multiculturalismo crítico toda vez que ela interage com a raça, o gênero e outros eixos de poder” (KINCHELOE; STEINBERG, 1997, p. 25).

“As posições conservadoras e liberais sobre a diversidade constituem, muito frequentemente, uma tentativa de compreender a cultura como um bálsamo calmante – o resultado da discórdia histórica –, uma espécie de presente mítico onde as irracionalidade do conflito histórico foram gentilmente solucionadas. Esta não é apenas uma visão ingênua de cultura, ela é profundamente desonesta. Ela ignora a importância do engajamento em alguns momentos em dissensos, a fim de contestar as formas hegemônicas de dominação e afirmar as diferenças” (MCLAREN, 1997, p. 126, mudei um pouco a tradução).

### Críticas de Zizek ao multiculturalismo.

“E, é claro, a forma ideal de ideologia deste capitalismo global é o multiculturalismo, a atitude que, a partir de uma posição global vazia, trata cada cultura local da maneira como o colonizador trata o povo colonizado – como ‘nativos’ cujos costumes devem ser cuidadosamente estudados e ‘respeitados’. Ou seja, a relação entre o colonialismo imperialista tradicional e a autocolonização capitalista global é exatamente a mesma que a relação entre o imperialismo cultural ocidental e o multiculturalismo: assim como o capitalismo global implica o paradoxo da colonização sem a metrópole do Estado-nação colonizador, o multiculturalismo implica uma distância e/ou respeito eurocêntrico condescendente pelas culturas locais, sem raízes em alguma cultura particular própria. Em outras palavras, o multiculturalismo é uma forma repudiada, invertida e auto-referencial de racismo, um ‘racismo com distanciamento’ – ‘respeita’ a identidade do Outro, concebendo o Outro como uma comunidade ‘autêntica’ e auto-contida em relação à qual ele, o multiculturalista, mantém uma distância possibilitada por sua posição universal privilegiada. O multiculturalismo é um racismo que esvazia sua própria posição de todo conteúdo positivo (o multiculturalista não é uma racista direto, não opõe ao Outro os valores particulares de sua própria cultura), mas mantém sua posição como o ponto vazio da universalidade, privilegiado, a partir do qual se pode apreciar (e depreciar) apropriadamente as outras culturas particulares – o respeito do multiculturalista pela especificidade do Outro é a forma mesma como afirma sua própria superioridade” (ZIZEK, 2005, p. 32-33).